

CYNAN JONES

**A COVA**

Romance

Tradução

Rita Carvalho e Guerra



cavalo de ferro

Publicado com o apoio do prémio *Wales Literature Exchange Translation Award* promovido pelo *Arts Council of Wales National Lottery Funding*

Título original: *The Dig*

© Cynan Jones, 2014

© Cavalo de Ferro, 2016, para a presente edição

Revisão: Cláudia Chaves de Almeida

Paginação: Finepaper, Lda.

ISBN: 978-989-623-215-3

1.<sup>a</sup> edição, Janeiro de 2016

Todos os direitos para a publicação em língua portuguesa (Portugal) reservados por:

© Cavalo de Ferro, marca propriedade de Theoria, Lda.

Rua das Amoreiras, 72 A 1250-024 Lisboa

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou por qualquer processo sem a prévia autorização e por escrito do editor, com excepção de excertos breves usados para apresentação e crítica.

Quando não encontrar algum livro da Cavalo de Ferro nas livrarias, sugerimos que visite o nosso site: [www.cavalodeferro.com](http://www.cavalodeferro.com).

*Este, para m.*



Transpôs o portão com a carrinha e reduziu as luzes. Era uma noite uniforme e a carrinha parecia ter uma cor estranha, alienígena, sob ela. Durante algum tempo deixou-se ficar sentado, cautelosamente.

Era altura de as ovelhas parirem e, aqui e ali, ao longo do vale pouco profundo e em diversos pontos das colinas havia luzes acesas. E embora ao longe lhe parecesse uma comunidade em labuta, ele sabia que todas aquelas quintas estavam envolvidas nos seus próprios processos; processos mais ou menos idênticos na sua natureza, mas, em cada espaço de luz, levados a cabo numa intimidade privada e isolada.

Olhou para a paisagem e recordou, naqueles poços de luz, as quintas que aprovavam ou que se opunham ao que ele fazia. No seu tempo, tinha percorrido quase todo este terreno e, na sua mente, desenhou a forma vaga das terras que pertenciam a cada quinta e repetiu os nomes de cada propriedade que conhecia, como se observasse constelações.

Era um período de certezas contraditórias, com estas pessoas acordadas à noite; no entanto, também estavam mais atarefadas e distraídas, e por esse motivo ignoravam com maior facilidade os ruídos, aceitavam-nos como resultado do trabalho dos outros. Atribuía-lhe mais prontamente o ladrar distante dos cães.

Ele era um homem rude e grande, e, ao sair da carrinha, esticou-se e relaxou como uma criança aliviada do

medo momentâneo de ser esbofeteada. Para onde quer que fosse, carregava uma sensação de nocividade e parecia que até as coisas inanimadas que o rodeavam tinham conhecimento disso. Elas temiam-no, de alguma forma.

Abriu a porta de trás da carrinha e o arame dentro da janela estalou; agarrou no saco e deixou cair o texugo que se encontrava no seu interior. Este caiu no alcatrão sujo, ao seu lado.

Os cães tinham-lhe arrancado a parte da frente do focinho e o nariz pendia, solto e ensanguentado, preso apenas por um pedaço de pele. Pendia do texugo como se fosse um animal diferente.

Bah, pensou. Os corvos tratariam daquilo.

Deu alguns pontapés no texugo, para que perdesse a rigidez. Pontapeou a cabeça para que ficasse exposta na estrada. O lábio superior estava repuxado num esgar e parecia exagerado, e alguns dos dentes estavam partidos sobre o maxilar inferior, pendendo, soltos, onde ele os tinha partido com uma pá para dar uma hipótese aos cães.

Não tiveram espaço para cavar um fosso, por isso prenderam o texugo a uma árvore, para que os rafeiros se pudessem atirar a ele, e a pata traseira do animal estava pelada e apresentava cortes profundos provocados pelos arames.

Aquilo podia ser um problema, pensou. Podia ser um indício, mas tudo o resto estava bem. Os outros ferimentos seriam disfarçados.

O ventre do texugo estava rasgado e estraçalhado no sítio onde os *terriers* o tinham atacado, antes de ter dado conta dele com uma pá.

*Messie* portara-se bem naquela noite, pensou. Fora boa e persistente.

As tetas do texugo estavam protuberantes e inchadas da amamentação e várias tinham sido arrancadas, deixando na pelagem pastosa uma mistura de sangue e leite.

Fora uma pena não ter conseguido apanhar as crias, pensou.

Pensou em arrancar-lhe a pata.

Bah, não ia conseguir, pensou. Não ia conseguir que resultasse. Sentiu, de súbito, repulsa perante a ideia de voltar a tocar no texugo. De lhe prestar qualquer reverência.

A ideia de esconder o seu acto deixara o homem grande subitamente furioso e cansado. Tinha passado a noite acordado e o passeio, a dura escavação e a adrenalina tinham-no fatigado, ainda que tal se revelasse apenas como uma onda de raiva interior.

Voltou a entrar na carrinha e curvou-se sob o seu próprio peso. Tirou as luvas e atirou-as para o lugar do passageiro, que estava coberto de pêlos de cão. Um pouco mais abaixo, na estrada, fez inversão de marcha e passou por cima do texugo. Depois voltou a fazer inversão de marcha e passou de novo por cima dele.

Deixou a carrinha em ponto morto, saiu e aproximou-se do animal. O crânio estava completamente esmagado. Olhou para a perna e esta continuava a sobressair, revelando uma chacina inatural e premeditada.

— Cabra — disse; depois pisou a perna, uma e outra vez, esmagando a marca precisa do arame até a apagar da carne crua.